

A ESTRELA: SINAL PARA OS QUE BUSCAM

Desde os primórdios da humanidade, o coração humano é marcado por uma profunda inquietação. Há em nós uma sede de verdade, de sentido e de felicidade que nenhuma conquista material consegue saciar plenamente. Esta sede manifesta-se de modo particular no nosso tempo, marcado por uma multiplicidade de propostas de felicidade rápida e fácil que, tantas vezes, acabam por se revelar ocas, insuficientes e passageiras.

A narrativa dos Reis Magos ajuda-nos a compreender esta condição humana. Eles representam todos os que não se conformam com respostas superficiais e se colocam a caminho em busca da verdade. São homens atentos aos sinais, capazes de levantar os olhos e reconhecer, numa estrela, mais do que um fenómeno celeste: a possibilidade de uma resposta às grandes questões da vida.



A estrela é, antes de mais, sinal de esperança. Ela não resolve tudo de imediato, mas indica uma direção. Não elimina o caminho, mas convida a percorrê-lo. Os Magos não sabem exatamente o que irão encontrar; sabem apenas que vale a pena partir. Assim acontece também connosco: a fé não é a posse antecipada de todas as respostas, mas a confiança de que existe uma luz que orienta os nossos passos.

O caminho feito para seguir a estrela é profundamente transformador. Os Reis Magos deixam para trás seguranças, rotinas e comodidades. A viagem implica risco, cansaço e até momentos de dúvida, como quando a estrela parece

ÁGAPE

Ágape “exprime a experiência do amor que se torna verdadeiramente descoberta do outro. O amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício”. **Bento XVI**

desaparecer. No entanto, é precisamente este caminho que os muda por dentro. Buscar a verdade nunca nos deixa iguais; quem se dispõe a pôr-se a caminho permite que Deus vá moldando o seu coração.

A meta, por sua vez, é o ponto alto desta disponibilidade interior. Ao encontrar o Menino, os Magos descobrem que a verdadeira felicidade não está no poder, na riqueza ou no prestígio, mas num Deus que se faz pequeno e próximo. A alegria do encontro é fruto da caminhada inteira: só chega verdadeiramente quem teve a coragem de procurar.

Também hoje, muitos continuam a buscar. Outros, talvez cansados de propostas vazias, deixaram mesmo de procurar, embora continuem a precisar de encontrar. A resposta à sede de sentido que habita o coração humano tem um rosto: Jesus Cristo. Nele, Deus responde às nossas perguntas mais profundas e oferece uma felicidade que não engana, porque nasce do amor e da entrega.

Que aqueles que buscam possam encontrar na Paróquia do Campo Grande e nos seus paroquianos um sinal claro de Cristo Vivo. Um lugar onde a luz da estrela continua a brilhar, não de forma abstrata, mas através de rostos concretos, gestos de acolhimento, palavras de esperança e vidas coerentes.

E que não nos limitemos apenas a receber os que vêm ao nosso encontro. Sejamos também estrelas: luzes acesas no caminho de tantos que talvez não procurem, mas precisam, mais do que imaginam, de encontrar Jesus. Assim, como os Magos, ajudaremos outros a levantar os olhos, a pôr-se a caminho e a descobrir que vale sempre a pena seguir a estrela.

Padre Hugo Gonçalves

2026, COMO VAI SER?

Paulo Nogueira



Tal como as folhas em pleno Outono, o ciclo da vida repete-se. Ciclicamente, com o cair de um ano entra um novo ano. Para os católicos, 2025 chega ao fim com os ecos do Ano Santo.

Estamos com o coração cheio da Esperança celebrada de forma jubilar. Uma Esperança que nos alimenta a Fé e nos congrega em comunidade, que nos congrega em Igreja.

Em 2025 despedimo-nos também do Papa Francisco, do seu sorriso, da sua proximidade, da sua forma tão próxima de amar a Igreja, de amar os outros, de amar esse Jesus em quem ele punha a Esperança de tocar o coração da Humanidade em cada coração singular com quem falava, com quem interagia, com quem brincava, com quem rezava...

O ano de 2025 acabou e segue-se 2026. E como vai ser? O que esperar de um ano novo? Teimosamente repetimos estas perguntas ano após ano. E ninguém tem resposta. Ninguém sabe como vai ser. Quanto muito, conseguimos esboçar o que desejávamos que fosse. Atrevo-me, apenas, a dizer que 2026 terá muito do que 2025 já teve. Afinal, os anos são como as pessoas, não mudam tão facilmente de um dia para o outro e não esquecem o peso da história que carregam dos dias passados. Se em 2025 houve guerra e fome, desespero e morte, injustiça e desumanidade, 2026 não será diferente.

Assim como haverá felicidade e inspiração, criatividade e amor, esperança e desejo de crescer, tal como já houve em 2025. É certo que há acontecimentos históricos que podem determinar circunstâncias próprias e marcarem um ano específico. Na História recente tivemos, por exemplo, a queda do Muro de Berlim (1989) o ataque às Torres Gémeas (2001) a invasão da Ucrânia (2022). Em Portugal, a Jornada Mundial da Juventude (2023) ou a conquista do Europeu de Futebol (2016). Na Igreja, o Concílio Vaticano II (1962). São acontecimentos que deixaram marcas e consequências nesse ano. Foram pontos altos de celebração e de esperança, mas também de medo quanto ao futuro, de morte e terror para alguns. Mas estes acontecimentos não se adivinham, constroem-se. Por isso, mais do que fazer antecipações sobre o que poderá acontecer no mundo e em Portugal em 2026, penso que seria mais importante questionarmo-nos sobre o que poderá acontecer na nossa vida em 2026, porque cabe a nós construí-la. E vamos construí-la de que forma? Depois de um ano em que celebrámos a Esperança, essa Esperança que não engana, essa Esperança que nos faz caminhar e acreditar que é possível construir um mundo melhor, 2026 poderia ser o ano do Amor construído a partir do perdão e da capacidade que temos de sermos melhores, mesmo quando as circunstâncias são adversas e difíceis. E é sempre possível construir um ano novo melhor. Termina com uma curta passagem do

diário de Etty Hellesum, a judia holandesa que morreu em Auschwitz e que durante a guerra narrou a sua profunda jornada interior de procurar Deus no meio do terror nazi. Etty escreve que a verdadeira paz constrói-se com o perdão. Esperemos que em 2026 seja assim

(...) E uma paz só pode ser verdadeiramente uma paz mais tarde, depois de cada indivíduo criar paz dentro de si e banir o ódio contra o seu semelhante, seja ele de que raça ou povo for, e o vença e o mude em algo que deixe de ser ódio, talvez até em amor ao fim de um tempo, ou será isto pedir demasiado? Contudo é a única solução."

(Etty Hellesum).

Que tenham todos um ano novo muito bom... construam um ano novo muito bom.

MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA O LIX DIA MUNDIAL DA PAZ 1 DE JANEIRO DE 2026

**A paz esteja com todos vós.
Rumo a uma paz desarmada e desarmante**

"A paz esteja contigo!"

Esta antiga saudação, presente ainda hoje em muitas culturas, ganhou novo vigor nos lábios de Jesus ressuscitado na noite de Páscoa. «A paz esteja convosco!» (Jo 20, 19.21) é a sua Palavra que não só deseja, mas realiza uma mudança definitiva naqueles que a acolhem e, conseqüentemente, em toda a realidade. Por isso, os sucessores dos Apóstolos exprimem todos os dias e em todo o mundo a revolução mais silenciosa: "A paz esteja convosco!". Desde a noite da minha eleição como Bispo de Roma, quis inserir a minha saudação neste anúncio coral. E desejo reiterá-lo: esta é a paz do Cristo ressuscitado, uma paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Ela provém de Deus, o Deus que nos ama a todos incondicionalmente.

A paz de Cristo ressuscitado

Quem venceu a morte e derrubou as barreiras que separavam os seres humanos (cf. Ef 2, 14) foi o Bom Pastor que dá a vida pelo rebanho e tem muitas ovelhas que estão fora do seu redil (cf. Jo 10, 11.16): Cristo, nossa paz. A sua presença, o seu dom e a sua vitória reverberam na perseverança de muitas testemunhas, por meio das quais a obra de Deus continua no mundo, tornando-se ainda mais perceptível e luminosa na escuridão dos tempos.

Na verdade, o contraste entre as trevas e a luz não é apenas uma imagem bíblica para descrever o sofrimento do qual está a nascer um mundo novo: é uma experiência que nos atravessa e nos surpreende diante das provações que encontramos nas circunstâncias históricas em que vivemos. Ora, para não afundarmos na escuridão, é necessário ver a luz e acreditar nela. Trata-se de uma exigência que os discípulos de Jesus são chamados a viver de maneira única e privilegiada, mas que, de muitas maneiras, sabe abrir caminho no coração de cada ser humano. A paz existe, deseja habitar-nos, tem o poder suave de iluminar e alargar a inteligência, resiste à violência e a vence. A paz tem o sopro da eternidade: enquanto ao mal se ordena "basta!", à paz se suplica "para sempre". O Ressuscitado introduziu-nos neste horizonte. É neste sentir que vivem os promotores da paz que, no drama daquilo que o Papa Francisco definiu como "terceira guerra mundial em pedaços", ainda resistem à contaminação das trevas, como sentinelas na noite. Infelizmente, o contrário é possível, ou seja, esquecer a luz: assim, perde-se o realismo e se cede a uma representação parcial e distorcida do mundo, sob o sinal das trevas e do medo. Atualmente, não são poucos aqueles que chamam de realistas as narrativas privas de esperança, cegas à beleza dos outros e esquecidas da graça de Deus que sempre age nos corações humanos, por mais feridos que estejam pelo pecado. Santo Agostinho exortava os cristãos a estabelecerem uma amizade indissolúvel com a paz, para que, guardando-a no íntimo do próprio espírito, pudessem irradiar o calor luminoso ao seu redor. Dirigindo-se à sua comunidade, ele escreveu: «Se quereis atrair os outros para a paz, tende-a vós primeiro; sede vós, antes de tudo, firmes na paz. Para inflamar os outros, deveis ter dentro de vós a luz acesa».

Queridos irmãos e irmãs, quer tenhamos o dom da fé, quer pareça que não o temos, abramo-nos à paz! Acolhamo-la e reconheçamo-la, em vez de a considerarmos distante e impossível. Antes de ser um objetivo, a paz é uma presença e um caminho. Mesmo que seja contestada dentro e fora de nós, como uma pequena chama ameaçada pela tempestade, guardemo-la sem esquecer os nomes e as histórias daqueles que a testemunharam. É um princípio que orienta e determina as nossas escolhas. Também nos lugares onde só restam escombros e onde o desespero parece inevitável, ainda hoje encontramos quem não esqueceu a paz. Do mesmo modo que, na noite de Páscoa, Jesus entrou no lugar onde se encontravam os discípulos assustados e desanimados, assim a paz de Cristo ressuscitado continua a atravessar portas e barreiras com as vozes e os rostos das suas testemunhas. É o dom que permite não esquecer o bem, reconhecê-lo como vencedor, escolhê-lo novamente e juntos.

Uma paz desarmada

Pouco antes de ser capturado, num momento de intensa confiança, Jesus disse aos que estavam com Ele: «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou». E imediatamente acrescentou: «Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde» (Jo 14, 27). A perturbação e o medo podiam, certamente, referir-se à violência que em breve se abateria sobre Ele. De modo ainda mais profundo, os Evangelhos não escondem que o que desconcertou os discípulos foi a sua resposta não violenta: um caminho que todos, Pedro em primeiro lugar, contestaram, mas que o Mestre pediu que seguissem até ao fim. O caminho de Jesus continua a ser motivo de perturbação e medo. E Ele repete com firmeza àqueles que gostariam de defendê-lo: «Mete a espada na bainha» (Jo 18, 11; cf. Mt 26, 52). A paz de Jesus ressuscitado é desarmada, porque desarmada foi a sua luta, dentro de precisas circunstâncias históricas, políticas e sociais. Os cristãos devem tornar-se, juntos, testemunhas proféticas desta novidade, conscientes das tragédias das quais muitas vezes foram cúmplices. A grande parábola do juízo universal convida todos os cristãos a, conscientemente, agir com misericórdia (cf. Mt 25, 31-46). E, ao fazê-lo, encontrarão ao seu lado irmãos e irmãs que, por caminhos diferentes, souberam ouvir a dor dos outros e se libertaram interiormente do engano da violência.

Embora hoje não sejam poucas as pessoas com o coração pronto para a paz, um grande sentimento de impotência as invade diante do curso cada vez mais incerto dos acontecimentos. Já Santo Agostinho, com efeito, assinalava um paradoxo particular: «Não é difícil possuir a paz. É mais difícil, quando muito, louvá-la. Se quisermos louvá-la, precisamos de ter capacidades que talvez nos falem; devemos procurar as ideias certas, ponderar as frases. Se, em vez disso, quisermos tê-la, ela está lá, ao nosso alcance, e podemos possuí-la sem qualquer esforço».

Quando tratamos a paz como um ideal distante, acabamos por não considerar escandaloso que ela possa ser negada e que até mesmo se faça guerra para alcançá-la. Parecem faltar as ideias certas, as frases ponderadas, a capacidade de dizer que a paz está ao nosso alcance. Se a paz não for uma realidade experimentada, guardada e cultivada, a agressividade espalha-se, tanto na vida doméstica, quanto na vida pública. Na relação entre cidadãos e governantes, chega-se a considerar uma culpa o não estar suficientemente preparado para a guerra, para reagir aos ataques e para responder à violência. No plano político, essa lógica de oposição, muito além do princípio da legítima defesa, é o dado mais atual numa desestabilização planetária que a cada dia se torna mais dramática e imprevisível. Não por acaso, os repetidos apelos para aumentar as despesas militares – e as escolhas que disso decorrem – são apresentados por muitos governantes com a justificativa da periculosidade alheia. Na verdade, a força dissuasiva do poder e, em particular, a dissuasão nuclear, encarnam a irracionalidade de uma relação entre os povos baseada não no direito, na justiça e na confiança, mas no medo e no domínio da força. Como já escrevia São João XXIII na sua época: «O resultado é que os povos vivem em terror permanente, como sob a ameaça de uma tempestade que pode rebentar a cada momento em avassaladora destruição. Já que as armas existem e, se parece difícil que haja pessoas capazes de assumir a responsabilidade das mortes e incomensuráveis destruições que a guerra provocaria, não é impossível que um fato imprevisível e incontrolável possa inesperadamente atear esse incêndio».

(Pode ler esta mensagem na íntegra em www.vatican.va)

A ACONTECER

CELEBRAÇÕES DOS NOSSOS PADROEIROS

No dia 6 de janeiro, terça-feira, às 21:00, o Coro dos jovens apresenta o seu **CONCERTO DE REIS**, na igreja, com entrada livre. No sábado, 10 de janeiro, às 20:00, teremos a **GALA DOS REIS**, uma noite de festa, em comunidade, com jantar e música ao vivo. Ainda há lugares disponíveis que pode reservar no Acolhimento!

Em 2025 foi assim:



Esperamos por si este ano!

Jantar dos Padroeiros

GALA DOS REIS

Angariação de fundos

10 de janeiro | 20h

Salão Paroquial do Campo Grande

40 Reis

Informações e inscrições no Acolhimento

Dress Code: Formal
(furo escuro)

